

## Estado actual e perspectivas da norma lexical

*Carlos Garrido*

*Publicado en Agália, 57 (Primavera 1999)*

### INTRODUÇÃO

Como conseqüência do submetimento político à coroa castelhana, a substituição da nobreza e clero autóctones por elementos forâneos e a independência do condado de Portugal, a partir dos séculos XIV e XV a língua galego-portuguesa será despossuída na Galiza <sup>3</sup>/<sub>4</sub> depois de gozar de um período inicial de normalidade e ainda de florecimento literário<sup>1</sup> <sup>3</sup>/<sub>4</sub> do cultivo escrito e dos falantes pertencentes às camadas sociais elevadas (nobres, eclesiásticos e profissionais qualificados). Assim, entre o século XV e meados do XIX, o galego-português atravessa na Galiza a etapa denominada dos *Séculos Obscuros*, em que passa a comportar-se como língua ágrafa de carácter rústico, empregada apenas em contextos coloquiais e desconhecadora de qualquer intervenção reguladora ou plasmação escrita (Carvalho Calero, 1983: 15-27).

Este período de rejeição cultural e social que se acaba de enunciar determinou que o galego-português sofresse no seu domínio mais setentrional longos e intensos processos de empobrecimento, dialectalização e assimilação ao castelhano, que, se alteráram pouco a sua estrutura morfossintáctica <sup>3</sup>/<sub>4</sub> e algo mais a fonética<sup>3</sup>/<sub>4</sub>, no plano lexical deixáram profunda pegada. Com efeito, por causa do confinamento social do galego nos usos coloquiais e rústicos, a língua, por um lado, perdeu recursos expressivos e o léxico culto, especializado e de carácter abstracto que desenvolvera (processo de *erosom*) e, por outro, viu-se submetida a

um processo de *corrupção* que se traduziu na generalização de alterações vulgarizantes (plebeísmos) de algumas unidades lexicais; desprovido de registo escrito e centro normador, o léxico galego padeceu umha *diversificação* e *atomização* em variantes geográficas; o processo de *substituição* lexical actuou fazendo desaparecer unidades lexicais autóctones em benefício das correspondentes castelhanas; a *estagnação* da língua, decorrente da falta de usos formais, impediu que o galego habilitasse novas unidades para designar novos conceitos; no entanto, as lacunas expressivas que se sentírom por parte dos falantes galegos fôrom preenchidas -sobretudo com a generalização de um modo de vida urbano e o advento dos progressos da técnica- por unidades da língua de cultura, que nom era outra que o castelhano (*suplência lexical*); finalmente, pode considerar-se que o histórico *isolamento* registado por causas políticas entre o galego e o seu codialecto, o português, privou o primeiro da possibilidade de beneficiar os recursos que gerou e usufruiu o segundo.

Desde o *Ressurgimento* literário do galego, acontecido em meados do século XIX, até os nossos dias, várias fôrom as atitudes dos cultores do galego escrito -num princípio unicamente no campo literário, posteriormente também no jornalístico e científico- perante a realidade da degradação lexical da língua. Carvalho Calero (1981: 44-50; 1983: 24-27) crisma de *dialectalismo*, *interdialectalismo* e *supradialectalismo* as etapas sucessivas do galego literário desde os precursores decimonónicos até a *Geração Nós*, divisões que estabelece baseando-se principalmente na natureza dos recursos lexicais empregados. Se nas etapas do dialectalismo e interdialectalismo o escritor nom mostrava qualquer preocupação com expurgar a língua de castelhanismos, no período supradialectal aprecia-se umha clara vontade de purificar o galego escrito mediante a recorrência ao diferencialismo do castelhano, aos arcaísmos medievais, aos eruditismos greco-latinos e aos *lusismos*.

O português, com efeito, já desde o início do moderno uso culto do galego (Manuel Murguía, Eduardo Pondal) veu configurando-se, embora non sem reticências e incoerências nos diversos autores, como forma supletória deste no referente ao léxico, dado o estreito parentesco e enorme semelhança existente entre os dous conjuntos de modalidades lingüísticas, o que nom passou despercebido para os escritores galegos mais bem informados.

Na época que se estende aproximadamente entre o fim da Guerra Civil e a promulgação da constituição espanhola de 1978, Carvalho Calero (1981: 48-51) salienta no percurso do galego escrito duas *attitudes reaccionárias*, umha despoletada pola criação de estudos universitários de filologia galega e oposta à

insolvência científica no cultivo da língua, e outra de cariz demótico (e demagógico), contrária a umha pretensa *portuguesização* do galego culto:

Outros reaccionaram contra o pretendido culteranismo dos tempos do Seminário por dogmatismo popularista. O galego do povo -o galego castelanizado- oporia-se assim ao galego dos selectos -o galego aportuguesado. Mais resulta que o tal galego popular é umha versom popular do castelam, ou acabaria por sê-lo. Só um galego restaurado é viável. Escrever no galego castrapizado por vários séculos de analfabetismo seria renunciar ao galego. Um castelam dialectal em que operaria um substrato galego seria o porvir inexorável. Melhor seria a total castelanizaçom. (Carvalho Calero, 1981: 49)

Desde 1978 até o momento presente assistimos, relativamente ao modelo culto do galego, como que à reediçom da dialéctica entre as duas atitudes reaccionárias que referia Carvalho Calero para a etapa anterior. Assim, por um lado, e como fruto do maior conhecimento científico do idioma (da sua história, estrutura, unidade e diversidade) e da percepçom da importância que na actualidade encerram a mundializaçom e a economia comunicativas, na década de 1980 configura-se com força um *movimento reintegracionista*, partidário de um modelo de galego culto coordenado com o português, que, embora contasse com ilustres precursores, nunca antes atingira um corpo teórico tam sólido e umha praxe tam conseqüente. Mas, por outro lado, no decénio de 80 também se constitui, guiada polo populismo e pola inércia da recente e adulterada tradiçom de galego escrito, umha *corrente isolacionista* (autodenominada *autonomista*), que reage contra os postulados reintegracionistas e propugna um modelo de galego independente, na teoria, do português e do castelhano, mas na prática subsidiário quanto à ortografia, morfossintaxe e léxico deste último. A corrente isolacionista, orfa de umha fundamentaçom teórica consistente<sup>2</sup>, apresenta-se, porém, como dominante nesta etapa, devido à sua condiçom de norma demótica nas actuais circunstâncias sociolingüísticas do país, mas, sobretudo, graças à sua instrumentaçom por parte de um poder político que a sente compatível com o seu projecto nacionalitário.

No presente quadro de progressiva planificaçom do córpus do galego-português da Galiza, ambas as correntes, a reintegracionista e a isolacionista ou elaboracionista, produzírom os seus respectivos textos normativos, tanto *de iure* como *de facto* (cf. Rodríguez, 1996: 193), nos campos da ortografia, da morfologia e da gramática<sup>3</sup>. Todavia, na esfera do léxico, em que a regulaçom lingüística se torna mais dificultosa, o Isolacionismo nom conseguiu até agora consolidar um modelo normativo e os seus usos vocabulares -

desprovidos em geral da referência do português e apoiados por escassas e medíocres obras lexicográficas e terminográficas- caracterizam-se pola sua pobreza, incoerência, instabilidade, e, sobretudo, como acontece com a ortografia, pola sua dependência do castelhano. Polo contrário, pode afirmar-se a vigência de umha norma lexical reintegracionista para o galego, pois ela, embora nunca tenha sido enunciada como tal de maneira explícita, e apesar da existência dalgumhas vacilações e zonas de indefinição, pode ser deduzida sem dificuldade de uns usos vocabulares que, de harmonia com um critério natural e económico, se baseiam na depuração, unificação e enriquecimento mediante a convergência com o léxico português<sup>4</sup>.

Neste contexto, o objectivo do presente trabalho é pôr em evidência as diferentes atitudes hoje mantidas perante a constituição de umha norma lexical no galego-português da Galiza, mostrar a inoperância das propostas isolacionistas ao respeito, explicitar o *modus operandi* reintegracionista e reflectir sobre certas áreas de dificuldade e indefinição que se apresentam no processo de habilitação lexical<sup>5</sup>. Com estes fins, analisam-se sucessivamente os fenómenos degradativos que afectárom o léxico galego desde o início dos *Séculos Obscuros* até o momento presente, e que podemos classificar (*vid. Esquema 1*) em *erosom*, *substituição (com corrupção)*, *suplência*, *atomização (e corrupção)*, *variação sem padronização* e *estagnação*.

## II. ANÁLISE DA DEGRADAÇÃO DO LÉXICO E DA INTERVENÇÃO NORMATIVIZADORA

### 1. Erosom

Designamos por *erosom* (*vid. Esquema 1*) o fenómeno degradativo polo que o galego-português da Galiza perde, a partir do início dos *Séculos Obscuros*, unidades lexicais próprias, que nom som substituídas por outras unidades lexicais castelhanas equivalentes e geneticamente aparentadas (A<sup>®</sup> Ø); em Portugal, ao contrário, essas unidades lexicais som conservadas (A<sup>®</sup> A).

A degradação por *erosom* afecta sobretudo palavras de carácter gramatical que caracterizam o discurso escrito e os registos cultos, e cuja perda nom foi sentida polo galego oral e rústico que se manteve através dos *Séculos Obscuros*. É o caso, por exemplo, das conjunções adversativas *porém* e *todavía* (Rodríguez, 1996), do advérbio *assaz* e do pronome relativo genitivo (variável) *cujo*.

A atitude da norma isolacionista nestes casos<sup>6</sup> é a nom reposição das unidades perdidas e a sua substituição por outras unidades de sentido semelhante (mesmo castelhanas, como \**sen embargo*, para substituir *todavía*;

mesmo perifrásticas, para substituir *cuja*: Garrido, 1996)<sup>2</sup>. O Reintegracionismo repom, sem excepção, as unidades erodidas para o uso culto.

## 2. Substituição (com corrupção)

Denominamos *substituição* (vid. [Esquema 1](#)) o fenómeno de degradação lexical sofrido polo galego-português na Galiza a partir do início dos *Séculos Obscuros* que consiste na suplantação, total ou parcial, de significantes ou de significados de certas unidades lexicais autóctones por parte de significantes ou de significados castelhanos (A<sup>®</sup> B), interferência denunciada -entre outros factores- pola manutenção em português do respectivo significante ou significado genuíno (A<sup>®</sup> A). Nalguns casos, o significante castelhano sofre alterações vulgarizantes na sua incrustação em galego (*corrupção*: A<sup>®</sup> B').

As unidades lexicais mais afectadas pola substituição de significante som as referentes a conceitos abstractos e especializados (léxico culto); as unidades que sofrêrom substituição semântica som as que apresentam significante idêntico ou similar em galego-português e em castelhano, entre as que se acham tanto palavras lexemáticas como gramaticais.

### a) Substituição de significante

A substituição de significantes foi um processo maciço e afectou todos os níveis lexicais: o fonético, o prosódico, o morfológico, o lexemático e o paradigmático. Exemplos (deixando de parte o nível fonético):

#### a.1) Substituição de prosódia

*limite*<sup>®</sup> \* *límite*

*magia*<sup>®</sup> \* *mágia*

*oceano*<sup>®</sup> \* *océano*

*regime*<sup>®</sup> \* *régime(n)*

Nestes e similares casos, a norma reintegracionista repom o significante original, harmónico com a etimologia, enquanto que o elaboracionismo, ao contrário, mantém a prosódia castelhana.

#### a.2) Substituição de morfologia

*faculdade*<sup>®</sup> \* *facultá*

*lealdade*® \* *lealtá**parede*® \* *parê**Galiza*® \* *Galízia**justiça*® \* *justícia**limitaçom*® \* *limitaciom**traíçom*® \* *traiciom*

Nestes e similares casos, a norma reintegracionista opta por repor os traços morfológicos genuínos; a norma isolacionista vacila entre repô-los completamente (ex.: *lealdade*, *parede*, *xustiza*, *traizón*), incompletamente (ex.: \**facultade*) ou nom os repor (ex.: \**Galicia*, \**limitación*), sem critério coerente. Aliás, algunhas reposições da norma isolacionista som especialmente infelizes do ponto de vista da morfologia:

\**mercader* por *mercador* (a partir do catalám via castelhano)

\**percorrido* (subst.) por *percurso* (por pressom do castelhano *recorrido*, atenta-se contra a regularidade do modelo de *recorrer-recurso*)

\**rexeitamento* ou \**rexeite* por *rejeiçom* (por falta de apoio do castelhano, nom se harmoniza com *sujeitar-sujeiçom*)

\**enruga* (subst.) [em AA.VV., 1997, como *engurra!*] por *ruga* (incoerência a respeito do modelo regular de *encurrular-curral*, *enforçar-força*, *enredar-rede*, *enroupar-roupa*, *ensopar-sopa*, *entesourar-tesouro* etc.)

\**lavado* (subst.) por *lavagem*, \**envasado* (subst.) por *envasadura*, \**refinado* (subst.) por *refinaçom*, etc. (uso de participios de passado habilitados como substantivos para designar processo ou operação, seguindo o modelo castelhano)

### a.3) Substituiçom de lexemas

*brincadeira*® \* *broma**cadeira*® \* *silha*

*queda*® \**caida**camada*® \**capa**cuitelo*® \**cuchilo**Deus*® \**Dios**her(d)ança*® \**herência**igreja*® \**iglésia**janela*® \**ventana, ventá**joelho/jeonlho*® \**rodilha**pertença*® \**pertenência**perto*® \**cerca**sino*® *campana, \*campá**tesoura*® \**tixeiras*

Nos casos de substituição de lexemas, a norma isolacionista repom polo geral as formas genuínas (*cadeira, coitelo, Deus, herdanza, igrexa, pertenza, xoello/xeonllo, tesoura*), mas com certas exceções (nom conhece *queda* e sim \**caida*; parece fomentar \**ventá* e \**campá* em detrimento de *janela* e de *sino*; ao lado de *brincadeira, camada* e *perto* [como *preto*] admite, respectivamente, \**broma* \**capa* e \**cerca*; é permissiva com \**silla* [polo menos, porque um destacado isolacionista intitulou um seu romance *Deus sentado nun sillón azul*]). Em todos os casos, a norma reintegracionista restaura os significantes genuínos galego-portugueses.

Caso especial de substituição de lexemas é o da *substituição de freqüência*, em que a unidade alógena usurpa parcialmente as funções da unidade ou unidades autóctones, que perdem a sua exclusividade ou som secundarizadas no uso<sup>8</sup>. Exemplos: \**assignar* em vez de *atribuir* ou *adjudicar*, \**buque* em vez de *navio*, \**conlevar* em vez de *acarretar*, \**fango* (no dicionário *Obradoiro da Santillana*), em vez de *lama, lodo, limo, barro* ou *vasa*, \**ginete* em vez de *cavaleiro*, \**reproche* em vez de *repreensom*, \**sem embargo* em vez de *nom obstante, porém, no entanto*, etc. Esta categoria de substituição nom é em geral reconhecida polo

Isolacionismo, que admite as formas castelhanas desde que non violentem a fonoloxía galega. O Reintegracionismo expurga en todos os casos as formas alógenas, embora na súa praxe se registren esporadicamente, por inadvertencia, castelhanismos desta categoría<sup>9</sup>.

#### a.4) Substitución de paradigma

*domingo, segunda-feira,... quinta-feira,...* ® *lunes,... jueves,... domingo*

No caso do sistema cristián de denominación dos días da semana, baseado no esquema »ordinal+-feira», e que caracteriza no seio das linguas europeas o romance galego-portugués, o Isolacionismo, aínda reconhecendo o seu carácter genuíno en galego e a súa presenza (residual) nalgumas falas galegas actuais, non o promove e opta polo uso do paradigma pagão decalcado do castelhaño (cf. Souto Cabo, 1996). O Reintegracionismo, ao contrario, é firme partidario da súa revitalización.

#### b) Substitución de significado

A substitución semántica pode ser total ou parcial. Esta última prodúcese no caso dos deslacements semánticos que sofren algunhas unidades lexicais galegas pola penetración de palabras castelhanas, as cales lles rouban grande parte do significado orixinal e as confinan nunha área semántica restrita.

##### b.1) Substitución semántica total

Esta modalidade de substitución supón a adquisición por parte de un significante galego que se asemella a un significante castelhaño do significado particular que está asociado ao significante castelhaño, frecuentemente con a perda completa do significado orixinal galego. (Nos exemplos seguintes, algunhas substitucións semánticas poden non ter-se imposto aínda en todas as rexións da Galiza).

*aportar* («chegar a porto») pasa a significar «contribuír, achegar»

*capa* pasa a significar «camada»

*cola* pasa a significar «cauda»

*contestar* pasa a significar «responder»

*crystal* pasa a significar «vidro»

*cruzar* pasa a significar «atravesar (a rúa)»

*enquanto* (Isolacionismo: *en canto*) passa a significar «logo que», «assim que» (cf. Rodríguez, 1996)

*lagosta* passa a significar «saltom, gafanhoto» (insecto ortóptero)

*largo* passa a significar «longo» («largo» passa a dizer-se \**ancho*)

*marco* passa a significar «quadro», »moldura»

*oficina* passa a significar «escritório»

*plátano* passa a significar «banana»

*posto que* (conjunção concessiva) passa a ter valor causal (cf. Rodríguez, 1996)

*roxo* passa a significar «vermelho»

*ruivo-rubio* passa a significar «loiro»

*solapar* («escavar, minar») passa a significar «imbricar» ou «pôr lapelas»

*tratar de* passa a significar «tentar» (ex.: tratou de dormir)

Mais umha vez, o Isolacionismo comporta-se aqui de modo incoerente quanto à restauração lexical, pois, se bem que opte pola reposição do significado genuíno nalguns casos (em *aportar*, *ruivo* [*rubio*] e *roxo*, nos exemplos aduzidos), noutros comporta-se de forma ambígua (a *largo* restitui-lhe o sentido genuíno, mas, com esse valor, permite ou fomenta o emprego do castelhanismo \**ancho*; algo semelhante acontece com a palavra *plátano*), e na maioria mostra-se claramente a favor da assimilação ao castelhano (nos exemplos aduzidos, em *capa*, *contestar*, *crystal*, *oficina*, *marco*, *posto que*, *solapar* e *tratar de*). Em todos os casos desta categoria de substituição, a norma lexical reintegracionista defende a restauração dos significados genuínos<sup>10</sup>.

Casos mais graves de substituição semântica som os que acarretam a *desorganização dos campos semânticos* e a *alteração das relações entre palavras*. Deste fenómeno enunciamos a continuação dous exemplos: 1. Em galego-português, *azeite*, vocábulo de uso restrito, é hipónimo de *óleo* (azeite: óleo produzido a partir das azeitonas), enquanto que *óleo* é palavra que conhece um largo emprego (*óleo de girassol*, *óleo mineral*, *óleo de rícino*, etc.); polo contrário, em castelhano *óleo* é palavra de uso restrito (*santos óleos*, *pintura al óleo*) e o vocábulo frequente é *aceite* (*aceite de oliva*, *aceite de girasol*, *aceite mineral*, *aceite de ricino*).

Neste caso, a pressom do castelhano fijo com que o galego espontâneo desconheça na actualidade a palavra *óleo* e utilize *azeite* em todos os sentidos enunciados; 2. A palavra *garrafa* viu substituído em galego o seu significado originário de «vasilha, geralmente de vidro, cilíndrica e de gargalo comprido» polo que tem em castelhano («garrafa grande e bojuda, freqüentemente empalhada»), e que corresponde ao galego-português *garrafom* -palavra que, por sua vez, adquiriu o significado correspondente ao *garrafón* castelhano-, isto é, a série *garrafa-garrafom* foi substituída pola série *botella-garrafa-garrafón*. Aqui, como noutros casos, a norma isolacionista submete-se ao castelhano, de modo que admite a substituição de *garrafa-garrafom* por *botella-garrafa-garrafón* e consagra o uso de *azeite* [aceite] no sentido de *óleo* (*aceite de xirasol, aceite mineral*), restringindo o de *óleo* aos casos residuais que conhece em castelhano (*santos óleos, pintura ó óleo*). Polo contrário, a norma reintegracionista restitui nestes casos as relações semânticas originárias<sup>11</sup>.

Um outro fenómeno relacionado com a substituição semântica enunciada é o que consiste na atribuição artificial, praticada no contexto da produção literária recente, de novos significados (inéditos na história da língua) a determinadas unidades lexicais, fenómeno freqüentemente associado ao desconhecimento do idioma ou a um prurido diferencialista a respeito do castelhano (e do português). Assim: *agasalhar, agasalho* (utilizados, respectivamente, no sentido de «presentear» e «presente»), *esgrêvio* (no sentido de «egrégio»), *pregar* (no sentido de «pedir», «rogar», «solicitar»), *verba* (no sentido de «palavra»). A norma isolacionista, nos casos de operar diferencialismo, costuma canonizar estes usos rupturistas (*agasallo*: presente; *pregar*: rogar)<sup>12</sup>; a norma reintegracionista rejeita-os todos sem excepção (mas cf. Alonso Estraviz, 1995: s.v. *agasallo*).

#### b.2) Substituição semântica parcial

Produz-se esta modalidade de substituição semântica quando a penetração de umha voz castelhana nom fai desaparecer totalmente a sua correspondente galega, mas restringe-lhe o significado original (por vezes poderia considerar-se que o que acontece é que nom lhe permite ampliá-lo), polo geral confinando-a nos usos de significação mais rústica, ruralizante ou pejorativa.

*cheiro*, por penetração de *olor*, passou a denotar unicamente o mau cheiro, o fedor.

*escada*, por penetração de *escale(i)ra*, passou a denotar unicamente a escada de mão.

*leitugalalface*, por penetração de *lechuga*, passou a denotar apenas as alfaces de má qualidade, inaptas para consumo humano e oferecidas como alimento ao gado.

*lula/lura*, por penetração de *calamar*, passou a denotar apenas os cefalópodes decápodes nom comestíveis.

*pêxego* por penetração de *melocotón*, passou a denotar apenas os pêxegos das variedades menos suculentas e menos sujeitas à selecção e melhoramento genético (modernos).

*vassoira*, por penetração de *escoba*, passou a denotar apenas a vassoira rústica, nom industrializada, feita de giestas.

A respeito deste fenómeno degradativo, o Reintegracionismo nom duvida em restituir em todos os casos a esfera semântica original (plena) às unidades lexicais preteridas; em contraste, o Isolacionismo mostra-se incoerente, e opta por restituir nalguns casos (ex.: *leituga/alface*, *lura*, *pêxego*, *vassoira*), mas nom noutros (ex.: *olor-ulido* ao lado de *cheiro*, *escaleira-escada*).

### 3. Suplência

Suplência é o fenómeno de assimilação lexical ao castelhano sofrido maciçamente polo galego-português da Galiza a partir do início dos *Séculos Oscuros* e que deriva de umha completa incapacidade do galego (código ágrafo e rústico) para criar de maneira autónoma (mediante neologia) unidades lexicais que denotem conceitos surgidos ao longo deste dilatado período histórico. Nestas condições, o castelhano constituiu-se em *código supletório* para preencher as lacunas expressivas sentidas polos falantes galegos, enquanto que o galego-português de Portugal e do Brasil, claro é, dispujo dos seus próprios mecanismos neológicos (*vid.* [Esquema 1](#)). Em palavras de Carvalho Calero:

Agora bem, este galego capaz de ser veículo de relações culturais e económicas tam frondosas, nom pode confundir-se co castelhanizado bable que se falava nas nossas aldeias durante os séculos em que a nossa língua estivo apartada da administração civil, da vida eclesiástica e mesmo da expressão escrita. Essa fala conservou apenas o vocabulário rústico, mas coa particularidade de que cada adianto na agricultura -se é que se produzia- vinha batizado cum nome castelhano, porque era umha importação canalizada polo centro do poder, que era o único oficial. O mesmo podemos dizer do vocabulário relativo à pesca. Assi, toda a linguagem técnica que designava um progresso, incrustava na língua paralítica dos velhos ofícios novos termos castelhanos. Em canto às novas profissões, as agromadas das realidades nadas da civilização maquinística e da revolução industrial, nom conhecerom outra linguagem técnica que a geral espanhola. (Carvalho Calero, 1983: 37)

Os âmbitos onde mais se sente a suplência lexical do castelhano no galego-português da Galiza actual (cf. Vessada, 1989) correspondem, em geral, aos conceitos modernos, posteriores ao início da preterição sociocultural do galego e, em particular, a: 1. conceitos abstractos e pertencentes ao mundo institucional e da cultura; 2. conceitos relativos a objectos concretos cujo aparecimento se produziu durante o dilatado período que abrange desde o início dos *Séculos Obscuros* até a actualidade; 3. conceitos especializados (exprimidos pelas diversas línguas especializadas, como a administrativa, a jurídica, a eclesiástica, as das diversas profissões, as científico-técnicas, etc.); 4. conceitos relativos a realidades exóticas; 5. conceitos do mundo urbano (incluindo a gíria juvenil e o calom).

Perante a realidade da extensa suplência lexical do castelhano que se regista no actual galego-português da Galiza, três som as reacções possíveis: 1ª, a consagração -nom depuração- ou, no seu caso, recepção -para a habilitação lexical- das soluções castelhanas (já estabelecidas no galego espontâneo); 2ª, a depuração e habilitação lexicais mediante a recepção das soluções portuguesas; e, 3ª, a depuração e habilitação lexicais mediante umha neologia autónoma (a respeito do português e do espanhol). Neste contexto, a praxe isolacionista segue um critério eclético -que, como veremos, resulta incoerente e inoperante- e pratica as três vias enunciadas, bem que com umha clara predilecção pola harmonização com o castelhano e, nos últimos tempos -em paralelo com a descoberta da etiqueta elaboracionista-, com certa querença pola neologia autónoma<sup>13</sup>. Em palavras de um qualificado representante da filosofia isolacionista:

The autonomist approach is to eliminate the "luxury" loans [»empréstimos supérfluos», isto é, vozes castelhanas que *substituem* as galegas genuínas] and to re-establish the equivalent autochthonous forms (in some cases it may be necessary to go as far back as medieval Galician), but to be more wary in the case of "convenience" loans [»empréstimos convenientes», isto é, vozes castelhanas que *suprem* lacunas expressivas em galego] for the reason that they are in many cases very widely used and on occasion are also extremely difficult to replace. Furthermore, in the case of deciding upon substitution or not, the autonomous approach prefers to give wider scope to creation based upon the internal mechanism of Galician itself [neologia autónoma]. [Nota de rodapé 42:] The autonomous solutions to the above cited examples are the following: to accept *bombilla* whilst preferring *lâmpada*, to accept *ascensor* and *tren*, to create *beirarrúa* (a semantically transparent creation) and to revive *sumidoiro*. The autonomous current is taking an ever more purist direction in

eliminating convenience castilianisms by replacing them with internally generated neologisms rather than resorting to Portuguese. (Monteagudo, 1993: 145, 146)

Por seu turno, a atitude reintegracionista perante a suplência lexical do castelhano é a expurgação sistemática dos castelhanismos e a introdução das correspondentes palavras portuguesas, seguindo um critério de proximidade lingüística, continuidade histórica e economia comunicativa.

A continuação oferece-se um panorama das diferenças na depuração e habilitação lexical que, no âmbito da suplência, se registam entre a corrente isolacionista e a reintegracionista. Com este intuito, atenderá-se sucessivamente às três categorias de neologia presentes em português e em castelhano, isto é, os empréstimos e decalques, a neologia de significado e a neologia de forma.

#### a) Empréstimos e decalques

No capítulo dos empréstimos e decalques, o Isolacionismo aceita em geral para o galego os empréstimos e decalques presentes em castelhano, com um pequeno ou nulo grau de adaptação ortográfica ou morfológica (exceção: nom se aceita *tiburón* ou *tubarom* [*tabeirom* durante algum tempo para o Isolacionismo] e recorre-se à neologia de significado para tornar polissémica a voz *quenlha*, que na fala denota apenas a espécie *Prionace glauca*); o Reintegracionismo aceita os empréstimos e decalques próprios do português:

Isolacionismo: *cacahuete, disco duro, élite, fiordo, guacamaio, Múnich, ordenador, pavo, té*

Reintegracionismo: *amendoim* [voz patrimonial], *disco rígido, elite, fiorde, arara, Munique, computador, peru, chá*

Exemplos de adopção unilateral de empréstimo ou decalque por parte do português e do castelhano e respectivos alinhamentos do Reintegracionismo e do Isolacionismo:

Isolacionismo: *amateur, Papá Noël* [empréstimos]; Reintegracionismo: *amador, Pai Natal* [decalques]

Isolacionismo: *balonmán* [decalque]; Reintegracionismo: *handebol* [empréstimo]

Casos especialmente tristes som os dalguns empréstimos galego-portugueses presentes em espanhol, que, em vez de serem tomados directamente polo galego, chegam à norma isolacionista alterados na sua versão castelhana: \**Camerún* por *os Camarões* (ou *Camarons*), \**a samba* por *o samba*; *marmelada* "doce de

marmelo" passa a ter no dicionário da Academia Galega o significado do espanhol *mermelada* ("geleia", elaborada a partir de diversas frutas); idem com *cobra*, que nesse dicionário, além do patrimonial de "serpente", tem o significado imposto pola *cobra* castelhana ("cobra-capelo, naja").

Questom interessante para a constituíção da norma lexical reintegracionista é a dos empréstimos castelhanos existentes em português e a dos empréstimos existentes em português que deslocam ou secundarizam palavras autóctones (presentes também nos falares galegos). Em ambos os casos, diga-se que esses empréstimos devem ser aceitados na norma galega sempre que preencham umha lacuna expressiva e, caso de concorrerem com palavras patrimoniais galego-portuguesas, sempre que estejam semanticamente especializados (ex.: *armadilha* [diferente de *trapa*], *castelhana* [diferente de *castelão*], *cavaleiro* [diferente de *cavaleiro*], *despenhar* [diferente de *depenar*], *gusano* [diferente de *verme*], *leque* [diferente de *abano*], *tejadilho* [de um automóvel], *habanera*, *lhaneza*, etc., mas nom *escanho* por *escano*, *penha* por *pena* ou *repolho* por *repolo*, p. ex.)<sup>14</sup>. Um caso relacionado, mas de resolução contrária, é o das mutações semânticas que em português experimentárom as palavras *almo(r)ço* ("refeiçom da manhã" ® "refeiçom do meio-dia") e *jantar* ("refeiçom do meio-dia" ® "refeiçom da noite"), e que a norma lexical galega nom tem por que acolher.

#### b) Neologia de significado

No capítulo da neologia de significado (mediante polissemia, conversom e redefiniçom), o Isolacionismo opta nalgumhas ocasiões por umha via autónoma, insolidária tanto com o português como com o castelhana, mediante a ampliaçom semântica de certas unidades lexicais (símile, metáfora, metonímia), mas, na maioria dos casos, decalca o modelo castelhana; em nengum caso segue aqui o Reintegracionismo umha estratégia autónoma e, caso de divergirem as soluçoes lexicais castelhana e portuguesa, opta por esta última:

Neologia de significado autónoma no Isolacionismo:

*adestrar* (por *treinar*), *armela* (por *camarom*), *bilha* (por *torneira*), *eido* («no eido das ideias», por *campo*), *obradoiro* (por *oficina*), *quenlha* (por *tubarom*)

Neologia de significado castelhanizante no Isolacionismo:

*adega* ou *bodega* (num navio, por *porom*), *côdea terrestre* (cast.: *corteza terrestre*, por *crusta*), *cúmio* (reuniom de alto nível, por *cimeira*), *cunca hidrográfica* (por *bacia hidrográfica*), *folga* (cast.: *huelga*, por *greve*), *pinha* (por *ananás*).

### c) Neologia de forma

A neologia de forma (que inclui a denominação simples, a composição, a derivação e a braquigrafia) é a modalidade neológica mais extensa. Neste capítulo, o Isolacionismo, como acontecia com os empréstimos e decalques e com a neologia de significado, submete-se impulsivamente ao castelhano, mas, como excepção, e de modo caprichoso e imprevisível, nalguns casos prefere a via mais original da neologia autónoma ou recorre ao português<sup>15</sup>. Em geral, pode afirmar-se que, quanto ao volume de unidades lexicais, a neologia de forma isolacionista coincide com a consagração das unidades lexicais castelhanas supletivas presentes já na fala espontânea galega e com a introdução doutras unidades lexicais castelhanas com fins de habilitação - mesmo no campo científico-técnico, como vimos.

No âmbito da neologia de forma, a atitude do Reintegracionismo é sistemática e constante e coincide com a depuração e habilitação do léxico galego mediante a convergência com o português<sup>16</sup>. A este respeito, um problema frequente é o da divergência das soluções lexicais empregadas no Brasil e em Portugal, e, como propom Garrido (1997: XXII) para a terminologia científica, talvez seja conveniente a este respeito, pelo menos enquanto não se chegar a um acordo internacional, adoptar em galego as soluções usadas em Portugal, seguindo um critério de proximidade geográfica e cultural.

Umha outra área de dificuldade na habilitação lexical é a da linguagem jurídica e administrativa, pois que os conceitos (figuras jurídicas, por exemplo), e não apenas as etiquetas terminológicas, podem diferir entre a Galiza e Portugal (diferentes ordenamentos jurídicos e administrativos estatais). Neste caso, talvez a estratégia mais adequada seja também a da adopção dos termos jurídicos e administrativos portugueses, com independência de que a coincidência do conceito designado seja ou não completa nos dois sistemas estatais envolvidos, e mesmo a despeito da emergência de eventuais *falsos amigos* e *quiasmas* designativos entre castelhano e galego (ex.: *suborno* = *cohecho* <sup>1</sup> *soborno*)<sup>17</sup>. Para a habilitação de linguagem jurídica e administrativa, propujo-se por parte do Isolacionismo (cf., p. ex., Monteagudo, 1993: 147) -mas não só: cf. Carvalho Calero, 1983: 38, 39- a reposição de vozes jurídicas e administrativas do galego medieval. No entanto, como adverte o próprio Carvalho Calero (1983: 39), estas vozes e estes giros têm hoje umha vigência limitada e mal seriam tolerados por umha língua que os sente como arcaicos, circunstância, aliás, atestada pelo facto de a linguagem jurídica e administrativa cultivada hoje pelo Isolacionismo ser na prática um decalque da castelhana actual (Fernández Salgado, 1995: 242; cf., p. ex., Rodríguez Ennes e Blanco Rodríguez, 1997).

A continuación, ofrece-se umha série de exemplos, pertencentes a diversos âmbitos da neologia de forma, que ilustram o comportamento castelhanizante e errático do Isolacionismo perante a suplência lexical castelhana, em contraste com a coerência e afâm depurador do Reintegracionismo:

Harmonia isolacionista com o castelhano: *acomodador* (*arrumador*), *Arácnidos* (*Aracnídeos*: cf. Garrido, 1997: 223), *bolígrafo* (*esferográfica*), *brocha de afeitar* (*pincel de barbear*), *cacahuete* (*amendoim*), *caladoiro* (*pesqueiro*), *carrete de fotos* (*rolô*), *carteira* (*pastá*), *chuleta* (*gíria estudantil*, por *cábula*), *cloruro sódico* (*cloreto de sódio*: cf. Garrido, 1997: 222), *cobra* (*cobra-capelo* ou *naja*: cf. Garrido, 1997: 225), *coma* (*vírgula*), *comiñas* (*aspas*), *contestador automático* (*atendedor automático*), *culata* (*coronha*), *a diapositiva* (*o diapositivo*), *gardarroupa* (*bengaleiro*), *globo aerostático* (*balom*), *gobelete de pachís* (*copo de dados*), *grampa* (*agrafo*), *guacamaio* (*arara*), *lentes/gafas* (*óculos*), *lenzo* (*tela*), *marsopa* (*porco-do-ma*), *neto* (adj.: *líquido*), *neurona* (*neurónio*), *novela* (*romance*), *ordenador* (*computador*), *píloro* (*píloro*), *pipa* (*cachimbo*), *platino* (*platina*), *póliza* (*apólice*), *síntoma* (*sintoma*), *soprete* (*maçarico*), *talo* (*caule*: cf. Garrido, 1997: 225), *tenda* (*loja*), *Urano* (*Úrano*), *violín* (*violino*), *xavalina* (*dardo*)...

Neologia de forma autónoma no Isolacionismo: *beirarrúa* (*passeio*), *beiravía* (*berma*), *canceira* (*canil*), *floco de millo* (*pipoca*), *gardamallas* (*guarda-redes*), *animais preeiros* (*animais necrófagos*), *pousatubos*<sup>18</sup> (*suporte para tubos de ensaio*), *sumidoiro* (*esgoto*)...

Harmonia isolacionista com o português: *garfo*, *investimento*, *manobra*, *estatística*, *orzamento*, *retallista*, *taxa de xuro*, *xuro*...

#### 4. Atomizaçom (e corrupçom)

Denominamos *atomizaçom* (vid. [Esquema 1](#)) o fenómeno de degradaçom lexical sofrido polo galego-português na Galiza desde o início dos *Séculos Obscuros* que consiste no surgimento, a partir de um determinado étimo, por isolamento e deriva lingüística, de duas ou múltiplas variantes geográficas para designar um dado conceito, dentre as que, a falta de registo escrito e centro normador, nunca se impujo umha única soluçom como comum ou supradialectal (apesar da tradiçom literária posterior ao *Ressurgimento* decimonónico). Frequentemente, na Galiza a atomizaçom lexical aparece acompanhada de *corrupçom* ou generalizaçom de variantes plebeias. No galego-português de Portugal, língua nacional de cultura com umha fluência ininterrupta, nom se produzirom (tantas) variantes lexicais e, nos casos em que surgirom, umha das variantes

foi consagrada como comum ou supradialectal, e deslocou ou fijo desaparecer a(s) outra(s). Esquemáticamente: A<sup>®</sup> A<sub>1</sub> + A<sub>2</sub> + A<sub>3</sub>... [Galiza]; A<sup>®</sup> A [Portugal]. Exemplos:

Galiza: *abeneiro/ameneiro/amieiro; abranger/abranguer*

Portugal: *amieiro; abranger*

Galiza: *avedugo/avidoeira/vídalo/vido/vidoeira/vidoeiro*

Portugal: *vidoeiro*

Galiza: *eixe/eixo; galada/guelra/guerla*

Portugal: *eixo; guelra*

Galiza: *ti/tu*

Portugal: *tu*

Nalguns casos de atomização lexical, o Isolacionismo nom parece decantar-se por nengumha das variantes para a padronização (*amieiro? vidoeiro?*); noutros, diz aplicar o critério do maior peso demográfico (na Galiza espanhola) para seleccionar as variantes diferentes do português (*abranguer, eixe, guerla, ti*). Nos casos de atomização, o Reintegracionismo aplica o critério do maior peso demográfico (no território de fala galego-portuguesa) e opta polas variantes coincidentes com o português (padrom).

##### 5. Variação sem padronização

A *variação sem padronização* (vid. [Esquema 1](#)) que padeceu e padece o galego fai com que, para denotar certos conceitos, coexistam no domínio lingüístico da Galiza duas ou várias designações provenientes de étimos diferentes distribuídas pola geografia de forma disjunta (variantes geográficas). Em Portugal, quer porque o uso culto consagrou umha das variantes populares (coincidentes em muitos casos com as que se registam na Galiza) como supradialectal, quer porque por via erudita se habilitárom vozes supradialectais, apenas existe um vocábulo em cada caso que é utilizado e conhecido pola generalidade dos falantes e é utilizado em contextos formais. Exemplos:

Galiza: *bieiteiro, sabugueiro*

Portugal: *sabugueiro* (canonização de variante popular)

Galiza: *çaramela, peçoia, peçoira, pinchobra, pinchorra, pinta, píntega, roncha, sabandija, sacabeira, sacarrancha, salamanca pinta, salamanca(s), salamanca, salamândiga,*

*salamântica, salamandra, salamântreca, sapagueira, sarabandija, sarabanduja, saramaganta...* (cf. Conde Teira, 1996)

Portugal: *salamandra* (canonização de variante popular de harmonia com as outras línguas ocidentais)

Galiza: *linha, sedela, tança*

Portugal: *linha* (canonização de variante popular)

Galiza: *papo-ruivo, pisco...*

Portugal: *pisco* (canonização de variante popular)

Galiza: *eiruga, lagarta...*

Portugal: *lagarta* (canonização de variante popular)

Galiza: *cabaceiro, cabaço, canastro, espigueiro, orro, piorno...*

Portugal: *espigueiro* (canonização de variante popular)

Galiza: *cabeçolo, cágado, caganato, colher, colherete, trincaldo, trinquelho...*

Portugal: *girino* (habilitação de greco-latinismo por via erudita)

Galiza: *bigorna* [*bigornia* em AA.VV., 1997]/*engral in crel safra* [*zafra* em AA.VV., 1997]...

Portugal: *bigorna* (canonização de variante popular)

No caso da variação sem padronização, o Isolacionismo, mais umha vez, parece nom dispor de critério claro, e recolhe nas suas obras lexicográficas as diversas designações de um dado conceito sem discriminá-las para o uso (p. ex.: *bieiteiro, sabugueiro; pintega, salamântiga*, etc. [*salamandra*, curiosamente, nom aparece em AA.VV., 1997]; *pisco* e *paporruiivo, liña, sedela, tanza; cágado, cabeçudo, colher, etc; bigorna, engral, safra*). Noutras ocasiões, porém, aplica os falazes critérios da tradição literária e do peso demográfico para canonizar as variantes divergentes do português padrom (p. ex., *eiruga* face a *lagarta*), ou utiliza castelhanismos como termos supradialectais (*hórreo* face a *espigueiro*)<sup>19</sup>. O Reintegracionismo, de forma constante, consagra para os usos formais em cada caso as variantes geográficas do galego que coincidem com o português padrom, ou introduz os eruditismos supradialectais gerados em português, o qual, claro é, nom condena ou exclui o emprego das outras variantes no colóquio, na literatura, etc.

## 6. Estagnação

Como se viu, o galego-português da Galiza, além de perder e ver deturpados e nom unificados os seus recursos lexicais (*erosom*, *substituição*, *atomização*, *corrupção* e *variação sem padronização*), desde o início dos *Séculos Obscuros* também nom gerou soluções próprias, o que determinou a sua penetração por parte do castelhano (*suplência*) e a falta de enriquecimento ou *estagnação* da língua (*vid.* [Esquema 1](#)). No quadro da suplência e da estagnação, que exigem umha intervenção depuradora e habilitadora do léxico, a continuação som revistos diversos problemas que se apresentam em galego e as atitudes normadoras que se manifestam perante eles.

### a) Nom alargamento semântico dos significantes (polissemia)

O galego-português na Galiza, frente ao galego-português de Portugal, nom viu em muitos casos ampliada a esfera semântica dos seus significantes, confinado como estivo numha realidade coloquial e quase exclusivamente agrária. Como exemplo desta circunstância, confrontemos as definições que de *grade* fornecem, por um lado, um dicionário isolacionista -que admite certas substituições lexicais do castelhano e só regista (em princípio) os usos presentes na fala espontânea- e, por outro, um dicionário de *vocação* reintegracionista -que, além da fala espontânea galega, também considera complementarmente material português:

grade: [acepção única:] Instrumento de labranza en forma de grella grande, de madeira ou de ferro, con dentes na parte interior, co que se achanda a terra e se desfán os terróns despois de labrada. (AA.VV.: *Diccionario da Real Academia Galega*)

grade: 1. Armazón formada de barras de metal ou madeiras entrecruzadas con intervalos, e destinada a vedar ou resguardar um lugar. Canizada [nesta acepção, a etimológica ou primitiva, a fala espontânea apenas conhece, e os dicionários isolacionistas registam, a palabra castelhana substituinte *reixa*]; 2. Locutório de convento ou cadea [ampliação por símile]; 3. Caixillo en que o pintor asenta unha tela para a pintar [símile, neologia]; 4. Caixa de ripas para embalaxe de móveis e transporte de aves [símile, neologia]; 5. Instrumento de lavoura a modo de reixa [concessom ao castelhano: *reja*>*grade*; correcto: »a modo de engaçom«, p.ex.] ou caixillo con travesas de ferro ou madeira paralelas, providas de puas, para esterrear e aplanar a terra despois de labrada [acepção rústica: a conservada na fala

espontânea galega e a única registada nos repositórios isolacionistas]. 6. Molde para facer tella ou tixelos [língua especializada dos ofícios]; 7. Instrumento dentado, espécie de pente, para limpar cabalgaduras [língua especializada dos ofícios]; 8. Instrumento para cauterizar feridas de animais [língua especializada da Veterinária]; 9. Termo utilizado para designar a grella, nunha lámpada electrónica [linguagem científico-técnica]; 10. Espécie de escada, nos pesebres das cabalgaduras para conter a erva que se lles bota como penso [símile]; 11. Nome vulgar de un animal invertebrado mariño, do filo dos equinodermes, mais coñecido por estrela estrela-do-mar. [acepção presente na fala espontânea galega, correspondente também à variante *gradicela*, e que regista, p.ex., Rios Panisse, 1977: 13 em diversos pontos da geografia galega] (I. Alonso Estraviz: *Dicionário da Língua Galega*)

Ainda que do diferente tratamento que a voz *grade* merece nos dicionários galegos poderia deprender-se que o Isolacionismo, em contraste com o Reintegracionismo, nom se mostra muito interessado em alargar a esfera semântica das vozes patrimoniais, na realidade isto nom é exactamente assim, e o que acontece é que sim o fai -certamente com as limitações próprias da sua medíocre produção lexicográfica-, mas apenas em relação aos usos coincidentes em português e castelhano (ex.: *eiruga* [variante de *lagarta*] como «sistema de locomoção de carros de combate e outros»; *bigorna* [como *bigornia*] como «ossículo do ouvido médio», etc.) ou aos exclusivos do castelhano (ex.: *caçapo* como «erro»; *guiom* como «traço, hífen»; *lagoa* como «lacuna de informação»), e nom aos usos portugueses desconhecidos em castelhano (como em *grade* [sentido de «caniçada» ou «balastrada», etc.], *gralha* [como «erro tipográfico», etc.], *maçarico* [como «aparelho de soldadura», etc.], etc.).

#### b) Nom especialização semântica por incorporação de significantes

Perante esta modalidade de estagnação lexical, que é denunciada polo contraste dos falares galegos com o galego-português de Portugal, o Isolacionismo costuma inibir-se, de modo que, em geral, assim harmoniza com o castelhano e nom com o português. Portanto, os seguintes casos de diferenciação semântica entre pares (ou trios) de vozes som desconhecidos, entre outros muitos, para o Isolacionismo, enquanto que o Reintegracionismo os recebe na sua norma lexical: *armadilha-trapa*, *cuitelo-faca*, *decompor-descompor*, *descender-descer*, *escopeta-espingarda*, *gaiola-jaula*, *fresta [=fiestra]-janela*, *lacuna-lagoa-laguna*, *população-povoação*, *regra-régua*.

#### c) Ignorância da diferenciação semântica e de usos

Sem o subsídio do português, e com dependência do castelhano, o Isolacionismo entende e trata de maneira confusa ou indistinta grupos de vozes como *anta-dólmen*, *brânquia-guelra*, *cerca-perto*, *cinta-fita*, *contaminar-poluir*, *crystal-vidro*, *esquina-canto*, *jovem-novo-moço*, *milhares-milheiros* (em concorrência com o castelhanizante \**miles*), *minhoca-lombriga*, *póla-ramo*, *quartzo-seixo*, *sentido-senso*, *signo-sinal*, *tirar-puxar-botar-atirar-empurrar-sacar*, *tráfego-tráfico-trânsito*, etc. Em todos os casos, o Reintegracionismo adopta para o galego a distinção que conhece o português.

#### d) Indistinção de registos

O ideário isolacionista nom favorece a diferenciação de registos; a referência do português para o Reintegracionismo, sim. Exemplos: expressões como *cartos* e *umha chea de* som correntes nos textos formais isolacionistas.

#### e) Instabilidade, insegurança, incoerência nos usos vocabulares

Som estes traços que caracterizam os textos isolacionistas e de que se vem livres os reintegracionistas, graças ao subsídio do português. Exemplos:

*pipa*, junto com *cachimba*, por *cachimbo*

*pinha*, junto com *ananás*, por *ananás*

*plátano*, junto com *banana*, por *banana*

*floco de neve* [dicionário *Obradoiro*], mas *floco=froco* em AA.VV., 1997

*reanudar* [nudo?], por *reatar*

*sótao*, *sochán*, *soto?*, por *cave*

*entrechán?*, por *sobreloja*

*represa*, *embalse*, *encoro*, *barraxe?*, por *barragem*

*orçamento*, *presuposto?*, por *orçamento*

*bodegón?*, por *natureza morta*

*adega, bodega?*, por *porom*

*cartón, tarxeta?*, por *cartom do caixa automático*

*pegada [de pé!]?* por *impresom digital*

*xanela, ventá, fiestra?*, por *janela*

*campá, sino?* por *sino*

### III. CONCLUSÕES

Do até aqui exposto sobre léxico galego, pode deduzir-se que, polo que diz respeito ao Isolacionismo:

- No âmbito da *erosom*, a reposiçom de unidades lexicais é incompleta.
- No âmbito da *substituiçom*, a restauraçom de significantes e significados genuínos nom é nem exhaustiva nem regular.
- No âmbito da *atomizaçom* e *variaçom*, os critérios padronizadores som falaciosos ou de difícil aplicaçom, e na prática nom se aplicam (nom unificaçom lexical).
- No âmbito da *suplência*, a depuraçom de castelhanismos é muito rara, de critério inconstante (neologia autónoma/recorrência ao português) e arbitraria (a seleccom das unidades lexicais efectivamente depuradas nom segue umhas pautas definidas e regulares).
- No âmbito da *estagnaçom*, a habilitaçom lexical é escassa, castelhanizante -apesar de certas declaraçoes de intençoes de sentido *autonomista* ou *reintegrador*-, de critério múltiplo ou inconstante (possibilidade de recorrer ao castelhano, ao português ou à neologia autónoma) e arbitraria (nom se declaram, nem existem, pautas que orientem em cada caso a seleccom do critério a aplicar. Cf. Rodríguez Río, 1996: 64, 65).

- A ausência da referência do português favorece a castelhanização, a incoerência, a insegurança e a instabilidade dos usos vocabulares.

Destas realidades decorrem necessariamente as seguintes conseqüências:

1. Apesar das repetidas manifestações de *autonomismo*, constituição e consagração do léxico galego como subconjunto (dialectal) do castelhano<sup>20</sup>.
2. A expurgação de castelhanismos substitutórios e, sobretudo, a expurgação de castelhanismos suplentes e a habilitação neológica, por nom seguirem pautas constantes e regulares, som processos discricionários e imprevisíveis, sujeitos ao arbítrio de umas autoridades lingüísticas que no momento presente carecem de prestígio e se mostram inoperantes (escassas e medíocres obras lexicográficas e terminográficas). Como a quantidade e a qualidade da expurgação de castelhanismos suplentes e da habilitação lexical dependem do arbítrio das autoridades, o sistema, em princípio, nom é ampliável *desde abaixo*, desde o nível dos utentes (cientistas que redigem os seus trabalhos em galego, por exemplo), polo menos de modo *ortodoxo*; na prática, porém, se bem que escassa, regista-se certa intervenção expurgadora e habilitadora por parte dos utentes, a qual, aliás, nom fai senom acrescentar, por desleixo e falta de preparação lingüística, a castelhanização, incoerência e instabilidade do sistema.
3. Fomentam-se usos vocabulares castelhanizantes, pobres, incoerentes, inseguros, anárquicos e instáveis. Nom existe, nem pode existir nas actuais circunstâncias, norma lexical galega isolacionista.

Polo que diz respeito ao Reintegracionismo, podem deduzir-se os seguintes pontos:

1. Perante a erosão, substituição, suplência, estagnação, atomização e variação que padece o léxico do galego-português da actual Galiza, propom-se, seguindo um critério natural e económico, e um procedimento coerente e constante, unha reposição, depuração, habilitação e padronização de vozes baseada no léxico português.

2. Nos âmbitos da suplência e da estagnação lexicais, a intervenção reintegracionista é constante e regular, o que torna o sistema *ampliável desde abaixo*.
3. A coerência no aproveitamento do subsídio do português fomenta usos vocabulares que, em geral, som enriquecedores, coerentes, constantes, estáveis, seguros e independentes do castelhano.
4. Apesar de nom ter sido nunca explicitamente manifestada, e de aparecerem pequenos âmbitos de indefinição e dificuldade (variação geográfica Brasil-Portugal, terminologia jurídica, tratamento dos *galeguismos*, etc.), existe umha norma lexical reintegracionista para o galego-português da Galiza e, neste sentido, as obras lexicográficas e terminográficas luso-brasileiras resultam essenciais. Contudo, para a socialização da norma lexical galega cumpre: 1. fazer incluir nos dicionários luso-brasileiros os *galeguismos* ainda nom registados; 2. editar um dicionário galego da língua comum que siga estritamente os postulados implícitos na praxe lexical reintegracionista (discriminação dialectal de variantes, exaustiva expurgação de castelhanismos inconvenientes, inclusom de léxico português nas áreas supridas polo castelhano, etc.); 3. publicar obras terminográficas sectoriais; 4. elaborar e divulgar glossários que destrincem o léxico galego-português e o castelhano nos âmbitos mais conflituosos.

---

## Notas

- 1.- Com a ressalva de que era o latim o que desempenhava certas funções prestigiadas (cf. Vázquez Corredoira, 1998: 19-32).
- 2.- Nos últimos tempos, tendo descoberto na Sociolingüística o conceito de *línguas por elaboração* (cf. Monteagudo, 1995), o Isolacionismo (tornado *Elaboracionismo*) tenta fazer passar por justificação científica o que nom deixa de ser mera etiqueta erudita aplicada a um acto de volição arbitrária.

- 3.- Considere-se, fundamentalmente, por parte do Reintegracionismo: AA.VV., 1983, AA.VV., 1985, AA.VV., 1988 e Costa Casas *et al.*, 1988; por parte do Isolacionismo: AA.VV., 1982 e Álvarez *et al.* 1986.
- 4.- Para a constituíção da norma lexical reintegracionista resultam de fundamental importância as obras lexicográficas e terminográficas editadas em Portugal e no Brasil. Neste sentido, dentre os dicionários da língua comum compilados na Galiza, apenas o de Alonso Estraviz (versom de um tomo de 1995) merece, pola sua maciça incorporação de léxico português, alguma consideração, embora ele se ache ainda longe, como neste trabalho se verá, de atingir a condição de *dicionário normativo* para o Reintegracionismo ou para o galego-português da Galiza.
- 5.- Poucos som realmente os trabalhos publicados até agora que se ocupem da norma lexical do galego-português da Galiza -que nos constem, as contribuições de Carvalho Calero, as alusões contidas no *Estudo Crítico* da AGAL e os artigos de Alonso Estraviz [1986], de Figueroa Panisse [1987], de Vessada [1989] e de Garrido e Conde [veja-se [Bibliografia](#)]), e isto apesar de que, indubitavelmente, o aspecto mais importante e urgente da reintegração lingüística galego-portuguesa, antes mesmo do que a convergência ortográfica, é a coordenação lexical.
- 6.- Aqui, como ao longo de todo o trabalho, consideramos *normativas* para o Isolacionismo aquelas unidades lexicais que som registadas, em primeiro lugar, no dicionário da Real Academia Galega (AA.VV., 1997) e, secundariamente, também noutros dicionários e glossários que seguem a normativa ortográfica e morfológica da Real Academia Galega e do Instituto da Língua Galega (como o dicionário escolar *Obradoiro*, da editora Santillana).
- 7.- Mas repare-se na habilitação isolacionista de *senllos*, que nom existe em português e sim em espanhol!
- 8.- Também é operativo o fenómeno polo qual, de duas ou várias unidades lexicais autóctones que som aproximadamente sinónimas, a privilegiada no uso passa a ser a que coincide com o castelhano (ex.: *mirar* mais usada que *olhar*, *olvidar* que *esquecer*, *regalar* que *obsequiar*, *oferecer*, *presentear*).
- 9.- Assim, o dicionário de Alonso Estraviz (1995), de *vocação* reintegracionista, recolhe as vozes *buque*, *reproche* e *sem embargo* (s.v. *embargo*). Dada a dificuldade de detectar em muitos casos este tipo de castelhanismos, pois eles freqüentemente nom se opõem à fonologia e morfológica galegas, seria interessante a elaboração de glossários em que se recenseassem estes vocábulos conflituosos (mais exemplos: *\*frear*, *\*perviver*, *\*reanudar*, *\*rebotar*, *\*subvir*).

- 10.- Embora o dicionário de Alonso Estraviz (1995) registre os significados castelhanos de, por exemplo, *aportar*, *marco* e *plátano* (s.v. *banana*).
- 11.- Também, mas de maneira incoerente com a sua vocação reintegracionista, o dicionário de Alonso Estraviz (1995: s.v. *aceite*), testemunha a esfera semântica castelhana de *azeite* e aduz o exemplo «o aceite do automóvel».
- 12.- Caso similar é o da voz *intre*, proveniente da corrupção de *inter* na expressão jurídica castelhana *en el inter* (por sua vez, abreviação de *interin*: Pensado Tomé, 1991: 169-171), que o imperante Isolacionismo, por diferencialismo a respeito do castelhanos e do português, promove com o sentido de «instante».
- 13.- A preferência do Isolacionismo pola harmonização com o castelhanos e, secundariamente, pola neologia autónoma, manifesta-se mesmo no campo da habilitação de terminologia científico-técnica (cf. Garrido e Conde, 1993), apesar do declarado no ponto quarto da «Introducción» às *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*, da Real Academia Galega e do Instituto da Língua Galega (AA.VV., 1995: 10): «As escollas normativas deben ser harmónicas coas das outras linguas, especialmente coas ramances en xeral e coa portuguesa en particular, evitando que o galego adopte solucións insolidarias e unilaterais naqueles aspectos comúns a todas elas, tales como adaptación de cultismos e de terminoloxía científica e técnica».
- 14.- Iguamente devem ser acolhidos em galego os empréstimos doutras linguas presentes em português para preencher lacunas designativas e expurgar castelhanismos: *beliche* (diferente de *liteira*), *omeleta* (diferente de *tortilha*), *greve* (diferente de *folga*), *sande*, etc.
- 15.- Com toda a probabilidade, um estudo que visasse inferir, no quadro da suplência lexical, alguma pauta ou regularidade na selección dos raros conceitos que para o Isolacionismo merecem designações *autónomas* ou *portuguesas*, e nom *castelhanas*, nom atingiria resultados concludentes. Talvez, como muito, chegaria à conclusom de que as designações autónomas som freqüentemente propostas ali onde as suplentes nom podem ocultar -pola sua morfologia ou pronúncia- a feiçom castelhana, como acontece, por exemplo, em *palomita* (=pipoca; *floco de millo* no *Diccionario Obradoiro*; mas cf. *floco* no *Diccionario da R.A.G.-I.L.G.*), em *perrera* (=canil; *canceira* para o Isolacionismo), e em *acera* (=passeio; *beirarrúa* para o Isolacionismo). Por outro lado, nom raro as propostas isolacionistas harmoniosas com o português apresentam as palavras distorcidas ou mal aplicadas (assim, \**cachimba* [junto com o castelhanismo *pipa* em AA.VV., 1997] por *cachimbo*, ou *vestiário* em vez de *vestuário* [roupa] ou *balneário* [nos estádios]).

16.- Isto acarreta nalguns casos a introdução de *falsos amigos* entre galego-português e castelhano (ex.: *balcom-varanda, balom, culatra, escritório-oficina-talher-secretária, espora-esporo, motorista*, etc.), fenómeno a ter muito em conta na socialização da norma lexical (edição de glossários, p. ex.).

17.- Um caso particular relacionado com a habilitação no galego-português da Galiza da linguagem jurídica e administrativa é o das designações de instituições (espanholas). De um ponto de vista reintegracionista podem admitir-se tanto as soluções baseadas no castelhano (ou privativamente galegas) -seguindo um critério de correspondência estrita-, como, por razões lingüísticas, as portuguesas equivalentes (ex.: *liceu/centro de ensino médio = instituto [de bacharelato, de ensino médio]; câmara municipal autarquia = concelho/município, Prova Geral de Acesso = Selectividade*, etc.).

18.- Em Sanjuan López *et al.* (1991: 74).

19.- Um âmbito onde o proceder isolacionista perante a realidade da variação lexical se mostra especialmente polémico e despropositado é o da elaboração de *listas padrom* para o uso científico ou comercial das designações vernáculas de animais e vegetais (cf., p. ex., Penas Patiño, Pedreira López e Rodríguez Silvar, 1980; Conde Teira e Vidal Figueroa, 1991; Penas Patiño, Pedreira López e Rodríguez Silvar, 1991: 9; Garrido e Conde, 1993: 279-285; Conde Teira, 1996).

20.- Tornou-se célebre a apreciação de um qualificado representante da corrente isolacionista no sentido de que o galego não podia usar de uma ortografia histórico-etimológica (reintegracionista), porque, entom, como iriam aprender os meninos nas escolas dous sistemas de acentuação contraditórios?! Nesta linha de pensamento -que pressupom a presença e preeminência do castelhano no sistema educativo galego e a limitação intelectual dos nossos jovens- não cabe, é claro, tentar socializar uma norma em que *oficina* não significa *oficina*, *azeite* não significa *aceite* e há que aprender duas nomenclaturas químicas diferentes! Isto, no fundo, vem a demonstrar, se ainda fgesse falta, que nem os isolacionistas harmónicos acreditam na possibilidade de um *verdadeiro bilingüismo social*.

#### IV. BIBLIOGRAFIA

AA.VV. 1982 [21995]. *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*. Real Academia Galega-Instituto da Língua Galega. Santiago de Compostela.

AA.VV. 1983 [21989]. *Estudo crítico das «Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego» (Instituto da Lingua Galega-Real Academia Galega, 1982)*. Associação Galega da Língua. Crunha.

AA.VV. 1985. *Prontuário ortográfico galego*. Associação Galega da Língua. Crunha.

AA.VV. 1988. *Guia práctico de verbos galegos conjugados*. Associação Galega da Língua. Crunha.

AA.VV. 1994. *Guía das aves de Galicia*. Bahía Edicións.

AA.VV. 1997. *Diccionario da Real Academia Galega*. Real Academia Galega. Vigo.

Alonso Estraviz, I. 1986. O léxico galego-português. *Actas do I Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. Associação Galega da Língua. Crunha: 429-442.

Alonso Estraviz, I. 1995. *Dicionário da língua galega*. Sotelo Blanco Edicións. Santiago de Compostela.

Álvarez, R., X. L. Regueira e H. Monteagudo. 1986. *Gramática galega*. Editorial Galaxia. Vigo.

Carvalho Calero, R. 1981. A constituição do galego como língua escrita. Em *Problemas da língua galega*. Sá da Costa Editora. Lisboa: 37-51.

Carvalho Calero, R. 1983. A fortuna histórica do galego. Em *Da fala e da escrita*. Galiza Editora. Ourense: 15-27.

Carvalho Calero, R. 1983. O idioma galego e os problemas da language técnica. Em *Da fala e da escrita*. Galiza Editora. Ourense: 36-43.

Conde Teira, M. A. e T. A. Vidal Figueroa. 1991. Nomes galegos para as aves ibéricas: unha nova proposta. Em A. Fernández Cordeiro e J. Domínguez. *Actas do I Congreso Galego de Ornitoloxía*. Universidade de Santiago de Compostela: 249-268.

Conde Teira, M. A. 1996. Acerca dos nomes dos anfíbios e réptiles galegos. *Cadernos de Lingua*, 13: 75-88.

Costa Casas, X. X., M. A. González Refoxo, C. C. Morán Fraga e X. C. Rábade Castiñeira. 1988. *Nova gramática para a aprendizaxe da lingua*. Vía Láctea. Perillo-Oleiros.

Fernández Salgado, B. 1995. Sobre a semántica da estandarización. Em H. Monteagudo (coord.). *Estudios de sociolingüística galega. Sobre a norma do galego culto*: 231-246.

Figuroa Panisse, A. 1987. O problema da fixação da linguagem científica numa língua em vias de normalização: O caso galego. *Cuadernos do Laboratorio Xeolóxico de Laxe*, 12: 303-312.

Garrido, C. 1996. Experiência didáctica da tradución para galego das cláusulas de relativo inglesas com *whose*. *Agália*, 48: 471-476.

Garrido, C. 1997. *Dicionário terminológico quadrilíngue de Zoología dos Invertebrados. Alemán, inglés, espanhol, galego-português*. Associação Galega da Língua. Crunha.

Garrido, C. 1997. Dúvidas e interferências lexicais na tradución científico-técnica inglés>galego. *Agália*, 50: 219-228.

Garrido, C. 1998. Novas dúvidas e interferências lexicais na tradución científico-técnica inglés>galego. *Agália*, 75-84.

Garrido, C. e J. M. Conde. 1993. Léxico científico isolacionista: unha crítica de ciencias e letras. *Agália*, 35: 259-286.

Monteagudo, H. 1993. Aspects of corpus planning in Galician. *Plurilinguismes*, 6 («Sociolinguistique Galicienne»): 121-153.

Monteagudo, H. (coord.). 1995. *Estudios de sociolingüística galega. Sobre a norma do galego culto*. Editorial Galaxia. Vigo.

Penas Patiño, X. M., C. Pedreira López e C. Rodríguez Silvar. 1980. *Guía das aves de Galicia*. Galaxia. Vigo.

Penas Patiño, X. M., C. Pedreira López e C. Rodríguez Silvar. 1991. *Guía das aves de Galicia*. Bahía. Crunha.

Pensado Tomé, J. L. 1991. *Galicia en su lengua y sus gentes*. Editorial La Voz de Galicia. Biblioteca Gallega. Serie Nova. Crunha.

Ríos Panisse, M. del C. 1977. Nomenclatura de la flora y fauna marítimas de Galicia. I Invertebrados y peces. *Verba*, anexo 7.

Rodríguez, J. L. 1996. Sobre algunhas formas e locuções conjuntivas nos textos galegos medievais. *Actas do IV Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. Associação Galega da Língua: 189-201

Rodríguez Ennes, L. e L. Blanco Rodríguez. 1997. *Vocabulario xurídico, aforismos e locucións latinas*. Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo.

Rodríguez Río, X. A. 1996. Os traballos terminolóxicos en lingua galega: unha aproximación á súa situación e ás súas necesidades. *Cadernos de Lingua*, 13: 35-74.

Sanjuan López, A., M. A. Fernández Domínguez, M. P. Jiménez Aleixandre e P. Brañas Pérez. 1991. *Vocabulario das Ciencias Naturais*. Dirección Xeral de Política Lingüística. Xunta de Galicia. Santiago de Compostela.

Souto Cabo, J. A. 1996. Do luns à sexta-feira. Contribuíção ao estudo do sistema dos días da semana na historia e na actualidade. *Actas do IV Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. Associação Galega da Língua: 203-220.

Vázquez Corredoira, F. 1998. *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano. O galego como exemplo a contrario*. Edicións Laiovento. Santiago de Compostela.

Vessada, A. 1989. Aspectos do vocabulário técnico nos novos dicionários galegos. *Actas do II Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. Associação Galega da Língua: 469-476.

Esquema 1

